



## Economia, Valores e as escolhas da Sociedade

Rodrigo Ayres Padilha

A economia é considerada por alguns críticos uma "dismal science" (algo como uma ciência desoladora). A razão apontada pelos descontentes é que as conclusões que o estudo da economia normalmente chega sobre o comportamento humano são, via de regra, desoladoras; somos vistos como egoístas, individualistas, auto-interessados, etc. Uma outra vertente de críticas condena as suas sugestões de políticas como amorais, fruto da análise simplificadora de custos e benefícios puramente pecuniários.

Um indivíduo egoísta é normalmente descrito pelo seu comportamento em minimizar os seus custos ou - de forma equivalente - maximizar os seus benefícios. Um contra-exemplo comum na argumentação dos críticos são os valores que as pessoas sustentam. Por exemplo, se eu acho um absurdo jogar papel na rua, não o farei mesmo que isso implique um custo maior para mim de ter que carregá-lo até a próxima lixeira. Uma resposta do economista ao crítico poderia ser: "Ah, os custos são menores do que o bem estar que ele sente ao seguir com seus valores". Ao que o crítico responderia: "A sua justificativa não serve de nada, pois você poderia explicar qualquer problema apelando para o fato do indivíduo gostar ou não de fazer isso ou aquilo".

Uma maneira eficaz de evitar este debate infrutífero é observar o comportamento das pessoas em situações diferentes no que compete aos custos e benefícios. Assim, porque uma pessoa que joga lixo na rua, normalmente não faz o mesmo dentro de casa? Ou, será que as pessoas que não jogam lixo na rua, passariam a jogar caso a coleta de lixo fosse menos eficiente (pense porque uma favela é suja e os condomínios não são)? Nessas situações, fica claro que quanto maiores os custos de ser limpo, menores são os incentivos para que as pessoas se comportem desta maneira. Um exemplo típico era o estado de limpeza das ruas na época das eleições, quando os "santinhos" dos candidatos eram permitidos. No entanto, os valores também podem ser importantes, ou será que Curitiba é mais limpa que outras grandes cidades porque tem mais lixeiras e um sistema de coleta de lixo mais eficiente?

A segunda crítica é direcionada a algumas propostas de política públicas do tipo: o comércio de órgãos humanos deveria ser liberado, pois isso diminuiria a fila dos transplantes. Uma proposta dessas pode ser imoral para muitas pessoas, afinal estaríamos deixando ao sabor do mercado um assunto que normalmente não é pensado em termos monetários pela sociedade. O que dizer do incentivo dos pobres - com a abertura deste mercado - em vender, por exemplo, um rim, para suprir outras necessidades? Por outro lado, o que dizer do custo da perda de vidas atualmente pelo egoísmo das pessoas em não doar os seus órgãos quando possível, seja depois de morto ou ainda vivo? Fica claro que o debate não é tão fácil de ser solucionado, assim que começamos a fazer as perguntas.

As duas críticas - bem como as respostas dos economistas - nos rememoram o benefício muitas vezes esquecido de se estudar economia, quer seja, fazer perguntas importantes sobre as

escolhas das sociedades. Podemos rejeitar as suas sugestões de políticas, mas não podemos fechar os olhos para as conseqüências de assim fazê-lo. Ao mesmo tempo, para não esquecer a ambigüidade tão comum na nossa profissão, a atuação do economista pode em si mudar a sociedade, seja porque a deixa mais consciente dos custo ou benefícios de suas escolhas, ou a deixa mais egoísta, porque os economistas tendem a ser menos altruístas.

A **JANELA ECONÔMICA** é um espaço de divulgação das idéias e produção científica dos professores, alunos e ex-alunos do Curso de Economia das Faculdades Integradas Santa Cruz de Curitiba.

- Cada artigo é de responsabilidade dos autores e as ideias nele inseridos, não necessariamente, refletem o pensamento do curso.
- O objetivo deste espaço é mostrar a importância da formação do economista na sociedade.